



Pandemia, não! Vacina, SIM!

Há cerca de um ano a humanidade entrou numa crise sem precedentes! Organizações uniram forças para tentar conter o avanço do vírus, mas não foi possível atempadamente. Alguns países foram mais atingidos por motivos diversos – é o caso do Brasil. A desinformação e a adoção tardiamente das medidas recomendadas por especialistas da Organização Mundial de Saúde (OMS) foram alguns dos fatores. Esse atraso propositado na tomada de decisões, inclinado por fatores econômicos, tem como epicentro o alto escalão da República, principalmente na pessoa do Presidente. Em seus discursos de insensibilidade com a população brasileira, o chefe do executivo tem agido com menosprezo desde o primeiro momento e essa falta empatia e seriedade ainda é presente na falta de políticas mais incisivas contra a pandemia, evidenciando sua falta de objetividade para lidar com a situação que vinha devastando o país.

Após um ano de lutas e pesquisa em busca pela solução do problema em que cientistas de todas as partes do mundo, mergulhados na criação de uma vacina para imunizar as pessoas contra a Covid-19

, temos a esperança da cura e da imunização, a qual felizmente fora conseguida em curto espaço de tempo, um recorde em relação ao tempo médio padrão para encontrar soluções e produzir vacinas para uma doença. Entretanto, o problema não foi resolvido. Muito pelo contrário! Tratando de recordes, o Brasil ainda está batendo recordes de mortes diárias e, no momento enfrenta a pior fase desse caos sociopolítico desde o início da pandemia. Além da desigualdade e da pobreza agravadas, hospitais superlotados, UTIs em colapso, falta de equipamentos e de oxigênio, falta de médicos e enfermeiros para atenderem a todos e todas, uma fila de espera gigantesca nos gripários e nos pronto-atendimentos. Em fevereiro, foram 30.484 mortes pela doença no país e, em março, até o momento desta edição, já são 35.500 vidas perdidas, segundo os dados apurados pelo consórcio de veículos de imprensa (G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL). Milhares de pessoas perderam seus entes queridos, crianças ficaram órfãs e a desigualdade aumenta a cada segundo.

EDITORIAL

Marcos Nunes Junior

o Brasil ainda está batendo recordes de mortes diárias e, no momento enfrenta a pior fase desse caos sociopolítico desde o início da pandemia.

Para além das medidas preventivas em combate à contaminação do coronavírus, a única solução real para o problema, até o momento, é a vacina. No entanto, o governo brasileiro só conseguiu garantir a vacina para pouco mais de 5% de sua população, e encontra em atrasos de negociações para aquisições de novas doses e insumos para a sua produção no Instituto Butantan e na Fiocruz.

Diante desse momento de extrema crise sanitária no Brasil, crise esta agravada por uma total falta de gestão política do problema, políticos de diversas ideologias políticas, artistas, intelectuais, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e até mesmo banqueiros e empresários tem se manifestado contrários à política antivida em ação e pedindo exigindo medidas urgentes das instâncias governamentais no sentido de conter a contaminação de novas pessoas e de uma vacinação em massa em todo território nacional. É responsabilidade de cada um de nós contribuir para reverter esse quadro, cuidando um dos outros, respeitando as medidas de contenção adotadas para cada estado e município. Precisamos respeitar a distanciamento social, evitar aglomerações, usar máscaras (cobrindo nariz e boca), higienizar as mãos com álcool em gel e lavar as mãos com água e sabão sempre que possível. No entanto é responsabilidade dos governos o fornecimento de um sistema de saúde pública que nos garanta a todos, todas e todes atendimento, incluindo o arsenal necessário ao combate a COVID-19. Inclui-se aqui a vacinação imediata para a população.

A equipe do jornal O Ponto, e do podcast Sem Ponto estará sempre com vocês nessa luta, trazendo notícias, informações sobre os acontecimentos importantes do mês, entrevistas com diversas personalidades, dicas de estudo, conteúdos motivacionais e entre outros. Ninguém solta a mão de ninguém. Não deixaremos que o negacionismo e a insensibilidade de alguns nos afastem da universidade, da construção de saberes e da busca por uma sociedade melhor. Estamos juntos nessa caminhada! Vacina sim... Vacina sim... já!



RACISMO E EDUCAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE O RACISMO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

Num país onde os governantes não assumem a existência do racismo para que se abraçe responsabilmente um plano de políticas antirracistas, a discussão sobre a discriminação racial precisa ser abraçada por todas, todos e todes. Nesse sentido, a equipe de O Ponto traz as palavras do Professor Ricardo Matheus Benedicto, do Colegiado de Pedagogia do Campus dos Males, para conduzir essa discussão.

||

Em 1899 José Veríssimo escreveu no Jornal do Comércio que devido à mistura de raças e a imigração europeia a raça negra seria extinta do Brasil. Uma afirmação violenta como essa escrita em um importante periódico do país nos mostra que a República brasileira nasceu sobre sob a égide de uma política de extermínio da população afro-brasileira.

A única divergência que havia entre os defensores da política de branqueamento dizia respeito ao prazo em que o país se tornaria, de fato, branco. Os mais otimistas, como João Batista de Lacerda estimavam o fim do processo em um século.

Lacerda foi diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e nesta condição representou o Brasil no Primeiro Congresso Universal Raças que ocorreu em 1911 em Londres. Neste evento apresentou a comunicação intitulada Sobre os mestiços no Brasil e sentenciou: “graças a este procedimento de redução étnica, é lógico supor que, no espaço de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós”(1) . Os mais pessimistas, como Afrânio Peixoto, achavam que o extermínio estaria completo em três séculos. Vejamos suas eloquentes palavras: “trezentos anos talvez levaremos para mudar de alma e alvejar a pele, e, se não branco, ao menos disfarçados, perdemos o caráter mestiço. Já purgamos outros tantos anos”.(2)

Vale ressaltar que - ao longo do período republicano - o Estado brasileiro não se desculpou e nem repudiou esta política genocida. Aliás, muitos dos seus defensores ainda hoje são reverenciados como grandes abolicionistas, republicanos e democratas.

Podemos perceber um fenômeno semelhante quando analisamos a história do sistema público de ensino do país. A estruturação da educação pública, universal e gratuita ocorreu no Brasil a partir da década de 30 do século passado. Os pioneiros da educação nova foram responsáveis pelos fundamentos do modelo educacional do país. Modelo, este, fundado em bases eugênicas. No artigo 138 da constituição de 1934 podemos ler: “Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das leis respectivas: b) estimular a educação eugênica”.

Jerry Dávila, que estudou a política educacional do Brasil no período de 1917 a 1945, escreveu na introdução de sua obra *Diploma de Brancura*: “os chamados pioneiros educacionais do Brasil transformaram as escolas públicas emergentes em espaços em que séculos de suprematismo branco-europeu foram reescritos na linguagem da ciência de mérito e da modernidade”.(3)

Fernando de Azevedo, redator da *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, um dos principais pensadores da educação brasileira também foi o primeiro secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo fundada por Renato Kehl. Considerado por Monteiro Lobato como pai da eugenia no país, Renato Kehl também foi defensor das políticas de Hitler. Eugenista fervoroso, Azevedo nunca reconsiderou de suas posições sobre a educação eugênica mesmo depois do advento do nazismo. Em sua obra, *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser* cuja terceira edição foi publicada em 1960, escreveu que não era pessimista em relação ao futuro do Brasil, visto que tinha esperança na ação eugênica, educativa e social para integrar numa nacionalidade as diferentes correntes étnicas formadoras da nação. A força modeladora da educação física garantiria este processo.

Assim como ocorreu em relação à política de extermínio dos afro-brasileiros, o Estado brasileiro em nenhum momento repudiou ou se desculpou por impingir a esta população um sistema educacional fundado sobre bases eugênicas. Vale destacar que, de acordo com Dávila, as instituições educacionais brasileiras ainda hoje conservam seu caráter eugenista: “a eugenia perdeu a legitimidade científica após a Segunda Guerra Mundial, mas as instituições, práticas e pressuposições a que ela deu origem – na verdade, seu espírito – sobrevivem”. (4)

Críticos deste sistema educacional, como Darcy Ribeiro e Paulo Freire, por exemplo, nunca evidenciaram ou criticaram o caráter eugênico da educação praticada no país. Aliás, as ideias educacionais de Fernando de Azevedo, de um modo geral, não são associadas a eugenia pela academia brasileira e o autor costuma ser reverenciado por defender um modelo de escola democrático.

Diante deste cenário, penso que algumas questões são inevitáveis. Um sistema educacional racista nascido na era Vargas – que mantém este racismo no período democrático de 1945 a 1961, permanece racista durante a ditadura militar, continua com o mesmo caráter no período da redemocratização e nos últimos dezoito anos ignora solenemente uma legislação federal – pode ser reformado a ponto de deixar de ser racista? Se a resposta for afirmativa, cabe-nos investigar de que modo seria possível esta reforma e qual prazo tempo seria razoável para executá-la. Não podemos perder de vista que na próxima década o sistema público de ensino se tornará centenário.

Se a resposta à questão acima for negativa, o que significa admitir que o racismo é uma realidade permanente na sociedade brasileira, visto que é hegemônica por brancos, somos naturalmente levados a nos indagar: o que devemos fazer para educar nossas crianças e jovens de modo satisfatório?

Penso que este é um debate ao qual não podemos nos furtar. Este texto é um convite para que o realizemos no melhor estilo das tradições africanas. Para encerrar cito um excerto de Jacob Carruthers na qual minha posição, neste debate, pode ser inferida:

Devido ao sinistro projeto eurocêntrico de educação para nossa juventude negra, devemos considerar como questão de senso comum a educação afrocentrada. (Rejeitarei sem comentar a absurda noção que um currículo universal é a solução.) Vamos agora deixar o caso um pouco mais evidente.

A crise endêmica na educação negra é a base do que Bobby Wright chama de “Menticídio”. Menticídio é a fase mais sofisticada da estratégia de guerra dos supremacistas brancos contra a raça negra. Se perdermos esta guerra não haverá mais problemas na educação negra, nem educação negra e nem negros. [...] Se quisermos vencer a guerra contra o supremacismo branco, se quisermos viver, então devemos tirar a educação das mãos de nossos inimigos. Nós devemos construir a verdadeira educação africana sobre uma base revigorada. Somente uma educação afrocentrada oferece esta base. (5)

Notas do autor:

(1) Ver a obra *Sobre os mestiços no Brasil*. In: *Revista História, Ciências, Saúde- Manguinhos* vol.18 n.1 Rio de Janeiro-Março. 2011, p. 239. O grifo é nosso.

(2) Ver os *Anais da Câmara dos Deputados*, Sessão em 27 de dezembro de 1923, p. 383-384.

(3) Ver a obra *Diploma de Brancura: Política Social e Racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: UNESP, 2006, p. 24.

(4) Ver a página 355.

(5) Ver a obra *The Intellectual Warfare*. Chicago: Third World Press, 1999, p. 260.



REVOLTA DA CHIBATA

Jóbiispo

Ex-aluno de Letras - UNILAB/Malês
Professor de Língua Portuguesa
Rapper

Ando sonhando com cobras, minha mãe diz que é traição
ando pegando umas provas isso tudo é confusão,
O pecado e o santo me assombam, eu só quero confissão
Mas o medo que é foda discorda e termino em sua mão

Sou do estado do Vampeta, tenho sido o capetinha
O foda, dos foda, dos foda, invadindo cada linha
Lutar quando tudo perdido parece, ou parecer tudo perdido
Deixar eles tudo calado, sem conseguir calar nosso grito vivo

Eugenistas a flor da pele, o que eles querem?
Olha o que fizeram com a Marielle
Também foram mais Micheles e Isabeles
Morremos pela causa e o sangue ferve

Essa herança é Zumbi, essa herança é de Dandara
Lutar, vencer, combater até a última gota na estrada
Vamos influir, vamos acabar com toda essa farsa
E antes que eu me esqueça liberdade Rafa Braga.

O novo sempre vem, o novo não é farsa
O novo sempre vem, sinta a revolta da minha chibata
Eles estão indignados, estão passando mal
É que o preto também pode contar o vil metal.

Meu sonho é meu abrigo, e nele me refúgio
Sou o novo poeta dos pretos, que comece esse tumulto
Faço reflexão, o que nos trouxe até aqui
que era do bem ou do mal é fácil distinguir

Belchior que tava certo, tem perigos nas esquinas
São mais pretos formados tendo outra história de vida
Ocuparam a porra toda, e ainda tem coisa pra ocupar
Te confesso foi o melhor jeito de ver toda elite sangrar

Pervertem nossa música, William tá certo #écoisade preto
Engraçado seu filho escuta e nos imita na frente do espelho
Teremos que ser fortes, suportar o insuportável
Eles julgam ser nobres, mas sangue azul e sangue manchado

A vida nos trouxe aqui, prometemos ser francos
A vida nos leva daqui, lutaremos em outro plano
A dor é que essa vida é foda, e nisso que pensamos
E isso tudo é poesia precisava expor os danos.



A LÍNGUA PORTUGUESA É SEXISTA?

GÊNERO GRAMATICAL EM DEBATE

Por Emilson N'Dame

As redes sociais tornaram-se hoje o principal campo de disputas políticas, ideológicas e, sobretudo espaço de desconstrução e de resistência contra a opressão. De maneira que, elas têm oportunizado a visibilização das classes minoritárias através de uma série de debates que perpassam as pautas identitárias e que buscam ressignificar/reconstruir os direitos que outrora foram negados a esses grupos. Entretanto, diante dessas lutas em redes sociais, não podemos desvirtuar a influência que a língua opera. Durante o ano de 2020 – considerado até aqui o pior ano do presente século em consequência da pandemia do coronavírus que tem ceifado e ainda ceifa vidas – vimos popularizar em redes sociais inúmeros vocábulos genéricos (todes, querides etc) ou a utilização de grafemas/morfemas em lugar da vogal temática (alun@s, professorxs) com o propósito de não excluir ninguém do discurso.

Buscando desvendar esse mistério histórico, tive uma conversa com o professor Paulo Sérgio de Proença que é Professor de Latim do Curso de Letras da Unilab – Campus dos Malês – no dia 11/02. De acordo com o professor, em fases antigas de algumas línguas (latim e grego, por exemplo), a formação do gênero gramatical pode ter se inspirado na biologia; havia dois gêneros: para o animado e o inanimado. Daí que os rios foram classificados no gênero gramatical masculino (fertilizadores) e as árvores no feminino (reprodutoras).

No entanto, no geral, não havia correspondência direta entre gênero gramatical e biologia (sexo masculino ou feminino), sendo essa relação arbitrária e dependente da apreensão cultural da realidade.

Segundo Lucchesi (2009), na evolução histórica da língua portuguesa não havia a obrigatoriedade quanto ao uso da marcação do gênero. Isso é uma característica da língua que se desenvolveu na passagem do português arcaico para o português moderno, ou seja, no século XV e XVI. Por exemplo, o português arcaico não contava com o feminino destes termos: senhor, pecador, vencedor, burguês etc. No entanto, a gramática normativa do português contemporâneo estabelece, de maneira mais categórica, o uso do gênero como marcador de sexo em palavras binárias ou que gramaticalmente detêm a oposição.

Acerca disso, Monteiro (2002), nos explica que “[...] uma palavra só apresenta marca do masculino se tiver um feminino correspondente”. Isto é, nenhuma palavra corresponde a um determinado sexo, se gramaticalmente não detêm a oposição. É o caso dos nomes sobrecomuns que compreendem ambos os sexos na mesma palavra. Assim sendo, pertencentes ao gênero feminino há sentinela, vítima, pessoa etc.; e pertencentes ao gênero masculino há indivíduo, cônjuge, defunto etc. Como vimos, todas elas são usadas para ambos os sexos. Nesse caso, são palavras que não expressam marcas de sexo, por isso nenhum(a) polícia da gramática diria: foi uma mulher, a indivíduoa que roubou o meu celular. Mas, sim, foi uma mulher, o indivíduo que roubou o meu celular. Ah, sim! Na língua portuguesa, o artigo é o marcador por excelência do gênero. (LUCCHESI, 2009). Por outro lado, nenhum gramático diria também: ele foi vítima de risada no shopping.

Porque a vítima é homem. Mas, sim, ele foi vítima de risada no shopping. Portanto, os nomes sobrecomuns não devem ser confundidos com os nomes binários como: professora – professor, deputado – deputada; aluno – aluna; etc.

Bom, com base no ideal de uma linguagem inclusiva, emergiu o emprego dos vocábulos genéricos ou de morfemas em lugar do vogal que assinala a categoria gramatical da palavra. Isso se deve ao fato de que, as mulheres foram/são violentadas e têm seu protagonismo ofuscado em trabalhos desenvolvidos em equipes com os homens. Pois a gramática que aprendemos na escola ensinou-nos que para referenciar um grupo de pessoas de gêneros biológicos diferentes o artigo/pronome precisa estar no masculino (FRANCO & CERVERA, 2006).

- - A câmara dos deputados aprovou o auxílio de seiscentos reais para os brasileiros mais necessitados.
- - Em reivindicações para a melhoria de salas de aulas, os alunos do Jorge Ampla Cumelero paralisaram as aulas.
- - Jovens desse grupo coral cantam bem. Sim, eles são bons
- - Meu Deus, acreditem! A sala dos professores está cheia de poeira.

Agora, olhando para as frases acima, a maioria dos seus leitores, com certeza, diria que elas não se tratam apenas dos homens, mas, sim de mulheres, de homens e, também de pessoas que não se identificam com esses dois gêneros. Porém, ninguém teria recursos linguísticos suficientes para explicar o mistério atrás delas. A não ser que a pessoa saísse do âmbito da língua para ver se chega a uma resposta plausível. Neste caso recorreremos à conjuntura social advinda do sistema patriarcal, do qual nasce todo sistema linguístico que apropriamos para representar o mundo a nossa volta.

Analisemos só a última frase. Suponhamos que um/a estudante foi chamado à sala dos professores para uma conversa. Ela/e, ao chegar lá, notou que a sala não foi cuidada, por isso não podia deixar de se indignar.

E, quando saiu do encontro chegou para o restante da turma e disse: Meu Deus, acreditem! A sala dos professores está cheia de poeira. Provavelmente, haverá alguém, contrário a essa prática violenta contra as mulheres, que terá a coragem de perguntar – Não há professoras lá? Entendem? Mas o enunciado linguístico que todos nós, algumas vezes, vimos ou ouvimos não faz menção às professoras. Por que perguntar se não tem professoras?

Como costuma dizer o meu irmão Pansau Tamba, “a língua professa uma característica de exclusão e de inclusão por meio da gramática escolhida por seus falantes” (informação verbal(1). Assim, enquanto uma entidade social, são os utentes que atuam sobre a língua, não o contrário. A despeito disso, o que está prescrito na gramática normativa – sendo a federação reguladora da língua escrita, convencionada com o fundamento político dos(as) especialistas em estudos de língua e linguagem – não merece ser tomado como uma lei divina ao ponto de não se alterar, ser completa e autenticamente conservadora. Corroborando esse ponto vista, prof. Paulo Proença declara que a língua portuguesa é excludente, machista e sexista, porque a tradição cultural que ela veicula tem essas marcas, reforçadas pelo uso da língua. Por isso, há necessidade de utilização ou criação de termos inclusivos que reflitam novos valores e necessidade de reorganização social; daí surgem todes, querides, alunes e professor@s. Há também o uso de formas duplas, praticadas há mais tempo, como todos-todas, alunos-alunas, queridas-queridos e professoras- professores, como meio de atenuar a supremacia machista e sexista presente na língua.

Ele segue dizendo: esses termos novos são vistos como erro por setores conservadores da sociedade que tentam controlar a norma e o uso da língua.

No entanto, à medida que forem sendo usados na produção oral de grupos de prestígio e no mundo da escrita (letras de música de sucesso, imprensa, literatura), poderão, aos poucos, ser admitidos. Isso não é fácil e demora muito. Mas a consciência de que a igualdade (seja de que natureza for) deve ser retratada na língua que falamos pode acelerar o processo. Em todo caso, essa luta se reflete em nossos hábitos linguísticos.

A resenha do professor demonstra que, apesar da sociolinguística (Faraco, 2005) veicular que as línguas não constituem as realidades estáticas, pois elas variam e manifestam mudanças graduais de forma perceptível ou não, a grande parte da sociedade ainda as enxerga como fenômenos improgressivos. Rotulando essas variações e mudanças que ocorrem no uso diário da língua como corrupção ou profanação à norma linguística. O que acaba delongando a aceitação dessas inovações e, conseqüentemente, a adoção de uma gramática sem exclusão de raça, de classe ou de orientação sexual.

Sendo assim, priorizar o uso da linguagem inclusiva, a partir do emprego dos termos genéricos, não só testemunha a dinamicidade da língua em função dos avanços sociais, mas também apadrinha uma linguagem sem preconceito e que acolhe todes: pessoas héteros, trans, gays, lésbicas, não binários etc. Porque é, praticamente, impossível ter uma sociedade que valorize as diferenças se não houver uma linguagem inclusiva.

Referências

- FRANCO, P.V., CERVERA, J. P. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz...bem se entende. [s.n], 2006.
- LUCCHESI, Dante. 12 A Concordância do gênero. In: O português afro-brasileiro / Dante Lucchesi, Alan Baxter, Ilza Ribeiro (Organizadores). – Salvador : EDUFBA, 2009.
- MONTEIRO, José Lemos, 1944 – Morfologia Portuguesa / José Lemos Monteiro. 4ª edição revista e ampliada. – Campinas: Pontes, 2002.
- PROENÇA, Paulo Sérgio de. Conversa sobre o gênero no latim e uso de termos neutros na escrita [11 de fevereiro de 2021]. Emilson N'Dame. Google meet – Brasil, 2021.

Notas do autor:

- (1) Fala de Pansau Tamba na disciplina de Política Educacional E Organização Da Educação Nos Países Da Integração, UNILAB, em 25 jan. 2021.



Quando as marchas são de alunos o resultado é espancamento e detenção

por Geraldo Nino Ié

Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - UNILAB/BA

No dia 08 de janeiro de 2021, na Guiné-Bissau, estudantes protestaram contra a greve nas escolas e contra a baixa qualidade do ensino público. Essa marcha foi chamada por uma Organização denominada Carta XXI, a qual representa estudantes da Guiné-Bissau. No entanto, intriga-nos o seguinte: quando a marcha é de estudantes, sempre há espancamentos e detenções; mas, quando é organizada por políticos, ela é bem-vinda, mesmo não cumprindo as formalidades legais.

Durante os últimos cinco anos, foi inaugurada uma onda de manifestações. Nesses protestos, muito embora fragrantemente negligenciam o direito essencial à educação, nem um único político foi espancado ou detido. Entretanto, quando são os alunos que se manifestam, colocam-se policiais por toda a cidade. É isto mesmo: querem matar a população por pedir escola? Uma coisa é certa, as autoridades pensam que com espancamento, detenções etc., vamos desistir do nosso objetivo. Estão a perder o tempo e a banalizar as instituições da república. Assim, a Carta XXI vai continuar a exigir hoje, amanhã – e para sempre se necessário for – educação de qualidade!

Certamente, as injustiças dos agentes que deveriam assegurar os direitos constitucionais não são motivo para desistirmos das nossas lutas. O objetivo principal dos protestos é melhorar a qualidade de ensino e erradicar as greves nas escolas públicas no país. Com essa intenção, nós recorreremos às ruas para mostrar o nosso descontentamento com a situação da educação. É importante destacar que, quando o próprio Estado não se responsabiliza pelo direito essencial à educação, essas pessoas marchantes estão a reivindicar a garantia do Estado Democrático de Direito.

Entendemos que a lei nos oferece uma arma: que é a marcha! Justamente por isso, cabe o questionamento: se é um instrumento legal, por que alunos marchantes são alvos de espancamento e detenção? Assegurado em qual lei o Estado defende o espancamento e a detenção de pessoas que estão a protestar? Acerca disso, é preciso destacar que a Lei Magna do país concede ao cidadão guineense o direito à livre expressão e ao protesto, nos termos dos artigos 54°. Outros questionamentos são necessários: por que há tanta hipocrisia por parte das autoridades policiais? Por que ninguém é responsabilizado por essa violência contra os estudantes?

Ademais, outro ponto é relevante a esse debate: há guineenses que não compreendem os objetivos das marchas. Desse modo, acreditam que os alunos simplesmente estão a perturbar a funcionalidade de serviços públicos e a ordem. Compreendemos que muitos pensam assim justamente pela falta de um ensino com quantidade suficiente e de qualidade no país. Na medida em que falta senso crítico, as pessoas não conseguem olhar da melhor forma e descobrir o que está escondido atrás dos protestos e simplesmente associam os marchantes a “gentes ruins”.

Apesar de não haver apoio de políticos e de alguma parcela da sociedade, a organização Carta XXI recebe, com grande entusiasmo e solidariedade, o apoio de muitos jovens guineenses. Com um efeito ilustrativo, eu vou só destacar o depoimento do professor e mestre Sumalia Djalo. Ele afirma o seguinte: na sua página no facebook.

“O governo manda polícia espancar estudantes do ensino público a marchar em direção ao Palácio do governo para exigir o fim da greve dos professores e consequente retomada das aulas. Com o ano letivo 2019/20 invalidado em mais de 90% das escolas públicas, o ano letivo 2020/ 21 corre o risco de seguir pelo mesmo exemplo e continuarmos um povo de geração e gerações cada vez mais ignorantisado, mais a pagar impostos para os filhos de quem detém o poder viverem na Europa e estudar nas suas melhores escolas. Quem estiver de acordo com esta vergonha e maldade ficará em silêncio absoluto ou arranja desculpas estúpidas e quem ficar em silêncio mesmo estando em condições de se opor, é CÚMPLICE”.

Em suma, é a hora da sociedade como um todo compreender que educação não é um favor, mas sim um direito que nos assiste. Por isso, o nosso esforço nesta luta é relevante. Não deve ser ironia para outrem! Nessa ótica, peço aos guineenses – principalmente à camada juvenil – que todos estejamos juntos na luta por essa causa comum.





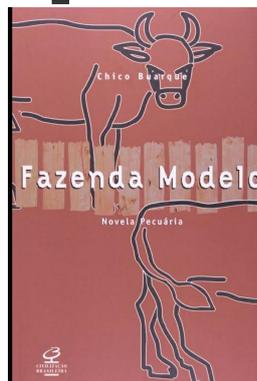
Resenha... Resenha... Resenha...



A Fazenda Modelo Brasil, por Chico Buarque.

João Vitor Bispo

Ficha técnica:



Título - Fazenda Modelo: Novela Pecuária
Autor - Chico Buarque
ISBN - 9788520001585
Editora - Civilização Brasileira
Ano de Edição - 2006
Idioma - Português
Número de Páginas - 144
País de Origem - Brasil

1º de abril é considerando, no Brasil, o Dia da Mentira. Contudo, nesse dia do ano de 1964 ocorreu a intervenção militar no Brasil que ficou conhecida como “Ditadura Civil-militar”, a qual durou até 1985. Infelizmente, os atos feitos pelos militares nesse período marcaram profundamente a história do país. O autoritarismo foi a palavra que definiu as ações do governo, as perseguições, censuras e mortes dos seus opositores. Atualmente existem aqueles que dizem que não existiu uma ditadura no Brasil e que tudo não passou de uma Mentira. Seria porque tudo começou num “Dia da Mentira”?

Nessa situação que o Brasil se encontrava, no ano de 1974, enquanto estava exilado na Itália, Chico Buarque escreveu o seu primeiro livro literário, Fazenda Modelo: Novela Pecuária, inaugurando sua vida como autor ficcionista. Para alguns críticos literários, a narrativa pode ser lida como uma alegoria, parábola ou sátira. Trata-se de uma ferramenta de resistência política, pois, no enredo, as características factuais e suas dimensões históricas são vistas como forma de representar alegoricamente o cenário político do Brasil da década de 70, elaborando uma crítica ao regime militar instalado com o golpe de 1964. Na época, Fazenda Modelo foi o livro mais vendido de acordo com a lista da revista Veja, de 31 dezembro de 1975, desbancando Jorge Amado, até então o autor mais lido.

Na narrativa de Chico Buarque, os personagens são bois e vacas que residem na Fazenda Modelo. Tais personagens assumem posições humanas em um espaço narrativo que resgata o ambiente de 1970 no Brasil. As ações da narrativa se referem alegoricamente à ditadura civil-militar. No capítulo II – Ato II, a fazenda, que antes era livre, se torna um espaço regido pelo autoritarismo, comandado por Juvenal, o boi-mor, o Justo, o Tenaz. Todas as suas ações são justificadas pelo avanço tecnológico, desenvolvimento e os bons costumes. Esse capítulo, em específico, alude ao impacto do Ato Institucional Nº 05 (AI5), de 13 de dezembro de 1968. A narrativa tem seu espaço marcado pelo milagre econômico, quando se acentuou o “crescimento econômico” em paralelo com a desigualdade social.

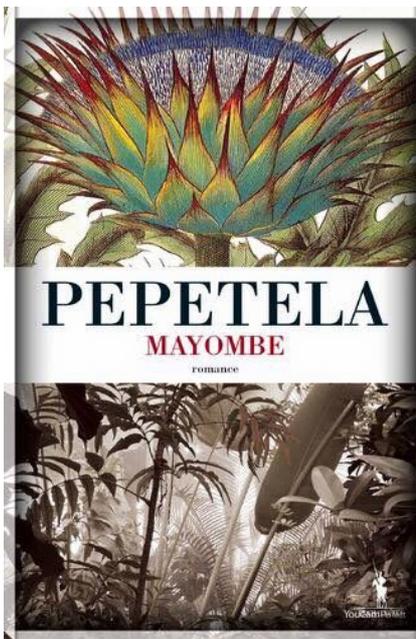
A influência do contexto histórico é notória, pois a ditadura e o autoritarismo daquele momento surgem como personagens principais, e o autor lança mão de diversos elementos narrativos para tecer sua alegoria, pois mistura diversos gêneros textuais e também traz dados pré-textuais que deixam impressões marcantes na obra.

O autor utiliza da personificação e da prosopopeia para construir o texto alegórico. Essas estratégias narrativas ficam evidentes em Fazenda Modelo, na qual os animais ganham trejeitos humanos. A leitura de uma alegoria deve ser feita pela intertextualidade, para identificar os sentidos dos símbolos presentes no texto.

A representação do boi como emblema de submissão não é recente, uma vez que, historicamente, o país – ou uma grande parte dele – foi visto como espaço agrário: fazenda, estância ou lavoura. A economia brasileira sempre foi pautada no agronegócio, na exploração de materiais agrícolas, como a cana-de-açúcar, do período colonial até a metade do século XX, e o café, durante a ampliação metropolitana e na época do Império e a Primeira República. Chico Buarque alia essa característica econômica ao sentido irônico de gado, em que as pessoas se deixam conduzir sem questionar, ainda que sejam levadas para o abatedouro. A idealização da paisagem/espaço da narrativa é pensada para remeter à dominação que a sociedade brasileira sofreu no período da ditadura militar.

Nesse sentido, a obra se mostra como um espaço político, pois aborda as práticas sociais e, ao mesmo tempo, argumenta contra a realidade de um determinado momento histórico. Entende-se que Chico Buarque inspirou-se na realidade política brasileira da época, frente a ditadura civil-militar, para elaborar Fazenda Modelo. Essa combinação entre tempo de enredo e tempo histórico marca a narrativa de Fazenda Modelo. A presença da ditadura civil-militar na obra é invocada através das ações autoritárias do Boi Juvenal, que manipulava a massa por meio dos discursos com um teor progressista e de desenvolvimento, “comprado” por muitos que o seguiam devotamente mesmo sabendo da sua crueldade com seus opositores. Assim como na ditadura civil-militar, Juvenal também tinha seus aliados e correligionários que desenvolviam diversas funções na fazenda, desde ajudar na companhia até aplicar as medidas de correções – torturas – rigorosas contra os opositores.

A obra Fazenda Modelo é construída com uma distopia, pois aborda um governo totalitário, partindo do pressuposto que é o modelo ideal de sociedade, mas que vai se deteriorando com o exercício do poder da instituição pública. Partindo disso, é fundamental pensar no engajamento da literatura e seu papel social. O modo como a sociedade é representada ficcionalmente apresenta-se como acervo de movimentos históricos: político, econômico e social, sob uma perspectiva que não tem os mesmos compromissos da História e que, por isso, pode muitas vezes ecoar o que é silenciado. As transformações passaram a influenciar/residir na literatura, não expressando apenas o estético, mas apresentando sua função social.



Um resumo crítico do romance Mayombe.

Jandira Francisco Domingos

Estudante do 3o período do curso de Letras

Bolsista PIBIC/FAPESB

Membro do grupo de pesquisa Afroletrias

O romance estrutura-se em cinco capítulos que são:

- A Missão;
- A Base;
- Ondina;
- A Surucucu;
- A Amoreira.

Mayombe é um romance narrado em terceira pessoa, mas que, ao longo da narrativa, concede a fala a alguns dos guerrilheiros, permitindo assim analisar temáticas que são discutidas ao longo da narrativa como: o colonialismo em Angola, o processo da guerrilha, o racismo, a corrupção e o tribalismo, que é uns dos assuntos mais abordados e vivenciados entre os guerrilheiros no romance. Esses assuntos são observados através da figura dos “narradores”, os quais têm a palavra e se posicionam nesta discussão.

No primeiro capítulo, denominado “A missão”, apresenta-se o cenário da missão, a base que se localizava na floresta do Mayombe, e as primeiras personagens no romance também são apresentadas a partir da narrativa da primeira missão dos guerrilheiros contra os colonizadores portugueses naquela área de Cabinda. Neste momento do romance já surgem discussões como o tribalismo, o racismo e a segregação, sofrida pelo camarada Teoria por ser mestiço. A politização para o povo aderir a luta, também é assunto neste capítulo.

Já o segundo capítulo, intitulado “A base”, começa com uma descrição do Mayombe de uma forma bem poética, narrando como o Mayombe encarava os golpes de machado, e mostrando as dificuldades em penetrar a floresta, por ser bastante densa e de difícil acesso. Este capítulo mostra que a floresta era um outro desafio a ser superado, além do combate com os colonizadores. Nesta secção do romance também marcada a figura do emblemático “comandante Sem Medo”, que é a personagem principal do romance. Em vários momentos na narrativa o “Sem Medo” debate sobre a construção de uma Angola pós independência, salientando que, para isso acontecer, existiriam fatores. Estes fatores seriam: convencer o povo a aderir à revolução para que a luta avance, vencer a guerra e investir na formação de quadros futuros para a governação de Angola sem a dominação portuguesa. Nesta seção do romance aparecem também personagens como o André, que era o responsável do partido em Dolisie, e a Ondina, a única personagem feminina no romance.

Inicialmente, vale a pena destacar a importância do romance Mayombe no processo de construção da ficção histórica de Angola. Este romance traz para nós uma nova forma de analisar o processo de guerra de Libertação, trazendo em si temáticas que são observadas ainda hoje na sociedade angolana. Problemas que vêm desde a colônia até os dias de hoje, em uma Angola independente.

Artur Carlos Pestana dos Santos, mais conhecido pelo pseudônimo de Pepetela, nasceu em Benguela, Angola, foi guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola. É licenciado em Sociologia e Professor universitário na Universidade Agostinho Neto, em Luanda. É autor de diversas obras literárias como, Mayombe (1980), Lueji- o nascimento de um império (1990), Geração da Utopia (1992), O Desejo da Kianda (1995), o Planalto e a Estepe (2002), entre outras. É um dos maiores nomes da literatura angolana, tendo recebido o prêmio Camões em 1997 com o romance Mayombe, entre outros prêmios.

O romance Mayombe foi escrito entre 1970 e 1971, mas publicado apenas em 1980, após a independência de Angola. Esta obra é um relato documental, além de ficcionalizado, sobre guerrilheiros pertencentes ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que lutavam contra a exploração da madeira na floresta do Mayombe. Os guerrilheiros lutavam também para conseguir politizar o povo e assim fazer uma revolução que culminaria com a independência do País contra os colonizadores portugueses. Esta narrativa acontece na floresta do Mayombe, na província de Cabinda, situada na região norte de Angola, onde faz fronteira com países como o Congo Brazzaville, República Democrática do Congo Brazzaville e o Gabão. A floresta do Mayombe reúne todos estes países citados.

O romance prossegue e, em seu terceiro capítulo, o foco recairá sobre a personagem Ondina, que é também a namorada do Comissário. Neste capítulo ocorre a traição de Ondina com o Camarada André, responsável do MPLA em Dolisie, no Congo. E como esta traição causou maior escândalo do que a falta de comida e falta de homens para reforçar a base guerrilheira no Mayombe. Este ocorrido fez com que os responsáveis do partido agissem depressa para refrear o caso, porque se tratava de dois responsáveis ligados ao MPLA, diferente de quando faltava comida na base.

O quarto capítulo, "A Surucucu", narra um falso alarme de ataque à base dos guerrilheiros, e como o comandante Sem Medo, um intelectual destribalizado, movido por ideais marxistas, move todo um partido político para socorrer os seus guerrilheiros, deixando de lado questões como o tribalismo. E o quinto capítulo, "A amoreira", narra a última missão dos guerrilheiros, a morte de Sem Medo e de Lutamos, que apesar de serem de tribos diferentes, morrem para defender Cabinda- Angola e seus companheiros.

Este romance de Pepetela nos proporciona uma análise muito ampla a partir das falas dos guerrilheiros. Nos ajuda a entender os problemas que surgiram com a chegada dos portugueses no território de Angola. Problemas estes que trazem marcas e sequelas severas na sociedade angolana nos dias atuais. Um desses problemas e marca do colonialismo é o tribalismo, além da corrupção e da exploração. A estratégia de trazer vários narradores nos permite fazer esta analogia de como foi o processo da colonização, dessa exploração por partes dos colonizadores portugueses. E esta análise vai desde os mais "intelectuais" ou destribalizados, até ao simples guerrilheiro do interior do país, que tinha uma experiência diferente e dura com a colonização.

O romance Mayombe nos permite examinar o fato de que guerrilheiros que vinham de outras partes do país, com exceção de Luanda, eram chamados de Tribalistas e não de intelectuais, porque não sabiam falar, escrever e nem ler na língua do colonizador, e não eram guiados pelos ideais marxistas. A missão desses homens era única, lutar por uma Angola, e isso o fizeram, mas muitos desses homens chamados de tribalistas que lutaram por Angola foram esquecidos depois da independência, porque já não serviam mais.

Hoje é preciso evidenciar que, para termos uma nação grande, é necessário entender que diferenças culturais formam o país, e que nenhuma cultura ou povo se sobrepõe a outra, pelo contrário, Angola é caracterizada por essa diversidade étnica e pela diversidade linguística dos povos, é isto que compõe a nação Angolana. É necessário libertar o país dessas ideias segregacionistas, ideias colonialistas, porque infelizmente ainda tem havido a continuidade dessas ideias e elas são manifestadas nos dias atuais.

Por fim, vale destacar o papel que a cidade de Dolisie, situada na República Democrática do Congo, desempenhou na luta de libertação de Angola, principalmente na região norte do país, onde faz fronteira. Hoje é importante evidenciar por intermédio desta obra literária de Pepetela, que o contato entre Angola e o Congo Democrático (RDC) vai além de fronteiras que foram traçadas por um colonizador. É um contato entre reinos, onde há partilhas históricas, e principalmente culturais. É um contato que vem desde séculos antes dos dois países sofrerem a invasão colonialista.

Observar esses traços históricos e culturais com a RDC em uma Angola pós-colonial é significativo, porque nos permite enxergar que existe uma partilha cultural e histórica que vem desde séculos atrás e que ultrapassou barreiras. Isso nos ajuda a entender que o tribalismo no romance e nos dias de hoje é utilizado como uma espada de dois gumes, porque ao mesmo tempo que causou segregação entre os povos, é um elemento que permitiu a manutenção e a valorização dessas culturas.

Ficha técnica:

Título - Mayombe

Autor - Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos)

ISBN - 978-85-8044-687-6

Editora - LeYa

Número de páginas - 248

Ano de lançamento - 2013

Gênero - romance



Confira em:
<http://unilab.edu.br/biblioteca-universitaria-unilab/>



Organização: Lidiane Conceição



Pronto, engravidamos!

Digo engravidamos pois uma gravidez precisa ser conjunta. Precisa ser entre uma família que espera um novo membro.

Quando uma mulher engravida ela já imagina tudo... e se for uma mulher virginiana piorou rrsrs.

Eric nasceu lindo e perfeito. Se desenvolveu dentro dos marcos de desenvolvimento de qualquer criança típica. Não havia nenhuma suspeita nem nada que nos chamasse atenção.

Mas quando completou 1 ano e meio, percebi que ele tinha um vocabulário pobre para a faixa etária. Quando falava sobre isso com algumas pessoas eu ouvia algo do tipo "cada criança tem seu tempo" e assim seguimos.

Chegamos aos 2 anos e isso continuava a nos preocupar e além do atraso na fala, muitas vezes quando o chamávamos, ele não olhava. Parecia que não nos ouvia... mas eu sabia que estava ouvindo sim.

Resolvemos levá-lo a uma fonoaudióloga por conta própria e ela nos disse que ele realmente já deveria ter um vocabulário mais rico e nos orientou a também tirar a chupeta, o que fizemos de imediato. Ela nos pediu que levássemos Eric ao neuropediatra pois ele poderia sim nos dizer se existia algo a mais ou não.

Então começou nossa busca por um diagnóstico. Levamos ao primeiro neuropediatra e ele passou a primeira vez por uma avaliação. Infelizmente, com 2 anos e meio, essa avaliação não foi conclusiva, pois Eric tinha sinais de alta habilidade e de autismo. Falava muitas palavras em inglês, assim como também todos os números, cores, formas e alfabeto e tinha uma coordenação motora fina excelente para a idade. O neuropediatra, então, pediu que continuássemos com a fonoaudióloga e voltássemos aos 4 anos.

Mas decidimos, além da fonoaudióloga, estimular muito Eric em casa, mais do que já fazíamos. Na semana que Eric completou 4 anos estávamos lá, no consultório da neuropediatra, mas desta vez com a melhor que encontramos e, para mim, "a melhor da BAHIA", Dra. Rita Lucena.

Foram 3 dias de avaliação, questionários, perguntas e observações.

No dia 23 de março chegou o dia do diagnóstico.

Meu coração já sabia mas precisava da certeza.

O diagnóstico chegou e o recebemos de peito aberto.

Dizer que não perdemos o chão, era mentira, perdemos sim.

Acredito que toda família perde.

Mas ali eu não tinha medo do autismo não. Pois dentro de mim eu sabia já. Tinha medo de não conseguir ser a mãe que ERIC precisava que eu fosse. Será que eu seria tão forte assim?

Chorei muito aquela noite.

Chorei a noite inteira e o medo não me largava.

Orei a DEUS para Ele me guiar, me mostrar o caminho e lembro como se fosse hoje que meu coração, já pela manhã, se acalmou e adormeci. Acordei outra mulher. A insegurança tinha diminuído e o choro não iria resolver então...VAMOS À LUTA!

E fomos...

Buscar as terapias, fazer os exames necessários e lá fomos nós.

Mas o plano de saúde nos fechou a porta. E como podia? Então fui pesquisar e entramos na justiça contra ele. Demorou, doeu, chorei...mas ganhamos!

Daí em diante era um dia de cada vez e um passo cada dia.

Senti a necessidade de saber como viviam as outras famílias com filhos dentro do espectro e assim lá fui eu na busca por elas.

Éramos poucas mais fomos nos conhecendo. Viramos um grupo pequeno no whatsapp e, assim, iam sendo adicionadas famílias e famílias que queriam dividir suas experiências e vivências.

A gente dividia também as angústias e multiplicava conquistas e alegrias

Um dia, depois de tanto ouvir preconceitos e julgamentos, decidimos FALAR, COLOCAR A BOCA NO MUNDO E DIZER QUE

A GENTE EXISTE!!

"MEU FILHO É PERFEITO NA SUA VERDADE E MUITO MELHOR QUE MUITOS SERES HUMANOS POIS ELE É VERDADEIRO!"

Abrimos o nosso grupo no FACEBOOK e lá levamos informação e conhecimento!

Abrimos o nosso perfil no Instagram e este também era o nosso objetivo.

Percebemos que muitas famílias não tinham muitas informações do que era o autismo e como lidar melhor com seus filhos.

DEUS manda muitos anjos e nos mandou vários profissionais que disponibilizaram suas manhãs de sábado para nos ensinar.

Cada sábado, um profissional se reunia com as mães e iam nos doando conhecimento e informações.

Quando as mães precisavam levar seus filhos, pois não tinha com quem deixar, eles ficavam na sala ao lado com um grupo de jovens que, com todo amor e carinho, são voluntários na nossa causa.

Além destas ações, tínhamos encontros em locais públicos e abertos para diversas ações, mostrando à sociedade que estávamos ali... que que não havia motivo para preconceitos e julgamentos. A sociedade participava conosco! Eventos abertos, marcantes e prazerosos Ai a pandemia chegou.... Nos paralisou Passamos a viver a história de forma direta!

Até que um dia, em meio a uma live que eu assistia, decidimos também fazer lives e levar conhecimento mesmo a distância. Parar não podíamos mais... E já foram tantas lives que o mundo da internet nos possibilitou o que jamais imaginamos... contatos com tanta gente em nível nacional ...tantos conhecimentos.

Essas redes sociais crescem a cada dia e carregamos elas de informação, conhecimento, amor e muita esperança de um mundo melhor. Somos 87 famílias hoje!

Lutamos por igualdade, equidade, lutamos pelos direitos dos nossos filhos, lutamos por políticas públicas, lutamos para sermos respeitados.

Uma criança não nasce preconceituosa, então os pais e a sociedade que ensinam isso a ela.

Autismo não é uma doença, é uma deficiência neurológica.

Se permita conhecer este mundo lindo e repleto de amor.

Tudo são flores? Não! Mas tudo é amor do jeito que vier e for.

Valorize os pequenos gestos e conquistas. Se permita ser um humano melhor a cada dia.

TODOS SÃO CAPAZES DO QUE QUISEREM!

DIAGNÓTICO NÃO É UMA SENTENÇA PARA NOSSOS FILHOS!

NÓS ACREDITAMOS NELES!

SOMOS O GRUPO AUTISMO SANTO AMARO E POR ELE LUTAMOS E ACREDITAMOS!!!

Texto de Ludmylla Valverde

#esefosseseufilho

#somosgasa



Relato da mãe do Heitor

Priscila Matos

Tudo começou quando ele tinha ainda nove meses. O fato de ele não responder ao chamado me preocupou e eu achei que ele poderia ser surdo, mas quando ele ouvia a minha voz, ficava feliz... então não poderia ser isso. Com um ano e meio, ainda muito desconfiada, resolvi levá-lo ao fonoaudiólogo para entender o que poderia estar acontecendo. A essa altura eu já desconfiava do diagnóstico do meu filho, mas a fonoaudióloga me disse que não havia nenhum problema com ele e que, em breve, ele estaria falando normalmente.

Como mãe, não me apertei! Muitas leituras e noites em claro me perturbavam!

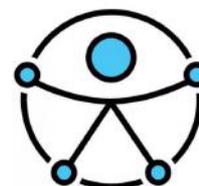
Quando conversava em casa com meus familiares, eles diziam que eu era louca, que pessoas na família só falaram com 5 anos de idade e que isso era normal. Mas eu não me conformava! A essa altura já não era só a questão do chamamento e da fala, havia outros comportamentos que me incomodavam.

Quando ele fez três anos conheci, através de uma colega de faculdade, o GASA - Grupo de Autismo de Santo Amaro. Participei de alguns poucos encontros e eu vi muitas mães contando com o médico neurologista pediátrico. Minha família ainda relutava em aceitar que Heitor poderia ter TEA - Transtorno de Espectro Autista. Na primeira consulta de Heitor, veio o diagnóstico. Meu mundo caiu, mas ao mesmo tempo veio um alívio, pois assim poderia dar meu filho os tratamentos necessários. A família passou a ver Heitor com um novo olhar e, a partir daí, foi só "correr do prejuízo".

Quando tivemos o diagnóstico de Heitor iniciou-se a pandemia e foi muito difícil conseguir os exames e esperar as terapias que ele precisava. Lutamos bastante para que ele começasse a ter acesso a tudo o que precisava. Hoje, Heitor tem 4 anos e é uma criança bastante ativa, inteligente e engraçada. Continua com dificuldades na fala e na interação, mas vem avançando aos poucos.

As terapias são muito importantes nesse processo e, embora muitas pessoas tenham me dito que é perda de tempo levá-lo duas a três vezes por semana aos médicos, eu faço questão de proporcionar a ele o que for necessário ao seu desenvolvimento. Ele já fala algumas palavras, canta como um papagaio e é muito inteligente para letras e números.

Ser mãe de autista não me fez ser diferente de nenhuma outra mãe, só me fez ser mais atenta, mais serena, mais resiliente e mais forte. Hoje eu vejo o mundo de uma forma diferente e sou muito grata por ter Heitor, o meu filho, o meu Autista!





Na ginga do PIBID-Letras Unilab/Malês 2020-2021



Autobiografia

[...]
Meu professô era fogo
Na base do português,
Catálogo era catalôgo,
Mas grande favô me fez.
O mesmo nunca esqueci,
Foi com ele que aprendi
Minhas premêra lição,
Muito a ele tô devendo,
Saí escrevendo e lendo
Mesmo sem pontuação.
[...]
(ASSARÉ, 1998?)

Natali Chaves Mota

Bolsista do PIBID-Língua
Portuguesa/BA



As rimas do poeta Patativa do Assaré ressoam como música para os nossos ouvidos, principalmente para os ouvidos dos participantes do PIBID-Letras Unilab/Malês 2020-2021. Não somente pela musicalidade e pulcritude que o texto apresenta, mas pela temática a qual define a obra. Há, portanto, um eu-lírico que manifesta admiração e gratidão por um sujeito que vem ao longo da história do Brasil transformando e empoderando pessoas: o/a professor/a de língua portuguesa.

Sabe-se que o Programa de Iniciação a Docência (PIBID) é um grande articulador entre os cursos de licenciatura e a educação básica. Pois, o programa possui bases sensíveis às quais capacitam os bolsistas e voluntários para lidar com a sala de aula e com as demandas e necessidades escolares, de modo a contribuir para o desenvolvimento da escola pública. Dado este momento que vivemos, onde o isolamento tornou-se temporariamente fundamental, novas estratégias foram adotadas na iminência de assegurar que, tanto os graduandos quanto os discentes da escola-campo, pudessem exercer o direito à educação. As atividades do programa estão acontecendo de forma virtual, pelas plataformas AVA e Google Meet.

O subprojeto PIBID-Letras, da Unilab/Malês, é coordenado pelos professores Ludmyla M. Lima e Alexandre C. da Silveira e tem como tema "Literaturas afro-brasileiras e políticas linguísticas". Objetiva-se promover sensivelmente e politicamente o ensino-aprendizagem de língua portuguesa e literaturas africanas e afro-brasileiras, conforme a BNCC e a lei 10.639/2003 preceituam. Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se fóruns, cartas pedagógicas, rodas de conversa, produção de textos discursivos e literários, sem falar na produção de autobiografias - que tem causado bastante emoção e força entre os pibidianxs. O pano de fundo destas atividades são as teses de intelectuais antirracistas, antissexistas e decolônias; a saber, bell hooks, Paulo Freire, Chimamanda Adichie, Patativa do Assaré, dentre outros agentes de combate às violências sociais.

Visto que a escola-campo, há muito tempo, desenvolve trabalhos de valorização dos seus discentes, o subprojeto pretende a partir de abordagens humanísticas, encorajar os alunos do Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho a explorarem suas capacidades, culturas e criatividade, para que, a exemplo de Patativa do Assaré, eles reconheçam-se também como força motriz na construção do intelecto brasileiro.



PROGRAMA PULSAR DE LETRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA(MALES)

TUTORA JUNIOR



Diana
Dias de plantão:
Terças e Quartas-feiras
08:00 as 12:00hs
Tel:(75) 98113-7588

Programa Pulsar BIH-Malês está de volta com seguintes tutores juniores:



Nome: Jacques Mário Almeida Id
Email: almeidajamara12019@gmail.com
WhatsApp: +5571984079176
Instagram: almeidajamara1
Facebook: Jacques Mário Almeida Id



Nome: José Rodrigues Jamba Segunda
Email: joserodrigues1452@outlook.com
WhatsApp: +5571992258135
Instagram: @rodrigues.ndapunikwa.



Nome: José Francisco Mateus
E-mail: zefacefrancisco97@gmail.com
WhatsApp: +557199153723
Instagram: zeface_francis



Nome: Sossão Xavier Basso Campos
Email: sossaoxavier2@gmail.com
WhatsApp: +5571992222959
Instagram: @sossaoxavier
Facebook: Soss Campos



Caros(as) estudantes,

A Coordenação do Curso de Letras gostaria de agradecer a todos, todas e todes que estiveram presentes no nosso primeiro encontro online. Foi um momento importante para que pudéssemos nos conhecer e, também, ouvi-los/as.

Como um modo de ampliar a escuta sobre as inquietações deste semestre remoto, compartilhamos com vocês um questionário para aqueles e aquelas que, por algum motivo, não puderam estar presentes no nosso encontro, também tivessem a oportunidade de expressar suas opiniões acerca do semestre remoto. E, da mesma forma, agradecemos a quem tirou um tempinho para respondê-lo.

Estamos em um momento que nos desafia diariamente e o diálogo é fundamental para que possamos nos fortalecer e os comentários de vocês são essenciais para que continuemos a pensar e repensar nossas práticas e o nosso curso.

Em tempo, gostaríamos de dizer que as demandas ouvidas no nosso primeiro encontro já foram compartilhadas com os docentes do Colegiado de Letras e que as respostas do questionário nos ajudarão no planejamento do próximo semestre.

Em breve teremos um próximo encontro online e, mais uma vez, reforçamos que nossos canais de comunicação estão sempre abertos para ouvi-los/as.

Abraços,

Wânia e Lavinia



Vamos Falar sobre o TCC? Relatos dos Unilabianxs sobre sua pesquisa.

por Natali da Anunciação Santos

“Rotacismo na fala de crianças de Santo Amaro – Bahia” foi o tema do trabalho de conclusão de curso (TCC) defendido no dia 28 de março de 2019, no campus dos Malês, pela estudante e santamarense, Eliana dos Santos Muniz, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Shirley Freitas.

Conta-nos a estudante, que a escolha do tema partiu da observação das variações linguísticas na fala das pessoas da sua cidade, mas o rotacismo ocorria com mais frequência em pessoas idosas. Nesse sentindo, então, surgiu a ideia de verificar se esse fenômeno seria comum também entre crianças em processo de alfabetização, pois, durante a alfabetização, o reconhecimento da escrita das palavras poderia "afetar" o modo de pronunciar-las. Esse fenômeno do rotacismo consiste na substituição ou troca do /l/ pelo /r/. Assim, teríamos a produção da palavra “planta” por “pranta”. De acordo com Eliana, as argumentações do seu trabalho foram baseadas em autores como: Bagno (2007) e Costa (2006), pois são autores que defendem as variações linguísticas no Brasil, buscando mostrar que o rotacismo acontece e que não é um erro mas sim mais uma variação da nossa língua.

Em relato sobre os desafios na escrita do TCC, a estudante, revela que houve vários desafios, principalmente porque a atividade mexeu com seu emocional. A escrita em si foi muito árdua, pois é uma escrita minuciosa, trabalhosa e extensa (levando em consideração as outras escritas acadêmicas), “Sem falar das deficiências do meu processo educativo que se somaram aos problemas pessoais que estava passando durante o período da escrita do TCC”, como relata a colega. Entretanto, continua Eliana, “[...]pude contar com minha orientadora em todos os momentos, tanto na parte da produção quanto na parte emocional, sou muito grata a ela.”

Eliana, ainda nos conta, que o estudo desse processo fonológico pode ajudar o rotacismo ser bem recebido na fala dos brasileiros como uma variação legítima e comum que é.

Interessou-se pela pesquisa? Visite o repositório digital da UNILAB!

E aí... Quem tem medo de TCC?



Pare um pouquinho o que está fazendo nesse momento!!!!
Como você está se sentindo?
O episódio desse mês do **Podcast Sem Ponto** é um convite para buscarmos aqueles instantinhos de afeto, de conforto, de auto-cuidado!
Em tempos de final de semestre na UNILAB, de agravamento do cenário da pandemia de Covid-19, de inúmeras dificuldades sociais no Brasil e em outros países, é necessário cuidarmos-nos! Hoje o Instituto CNV Brasil (Comunicação Não Violenta) nos faz um convite para conhecermos e praticarmos a auto-empatia. Bó?



OUÇAM EM TODAS AS PLATAFORMAS!!!



8 de março: dia de lembrar as lutas das mulheres trabalhadoras

Profa Maria Cláudia Cardoso Ferreira
Professora do Colegiado do Curso de
Licenciatura em História - UNILAB/BA



O Dia Internacional da Mulher tem sua origem no mundo do trabalho. No século XIX e primórdios do século XX, donos e gerentes das fábricas, nos países que se industrializavam, não se furtavam de explorar homens, mulheres e crianças, com jornadas diárias de trabalho que variavam de 12 a 18 horas, de segunda a sábado, incluindo, às vezes, o domingo. Não havia regulação dos salários e condições mínimas de salubridade. Consequentemente, esse cenário calamitoso era propício às manifestações, greves e motins. Mulheres e homens costumavam lutar juntos por seus direitos, mas quando se avançava com alguma conquista a igualdade salarial não ocorria, pois se acreditava que o homem representava o pilar da força de trabalho, restando à mulher o lugar de coadjuvante. O trabalho da mulher “complementava o salário masculino” (BLAY, 2001). Logo, ocorria a reprodução, no chão de fábrica, do modelo de família nuclear genericada, chefiada pelo patriarca.

Quem já procurou alguma informação sobre o 8 de Março em revistas, blogs e redes sociais, certamente leu que a data tem a ver com um incêndio e consequente morte de muitas mulheres, em uma fábrica de Nova Iorque, no ano de 1857. Esta data não tem qualquer comprovação histórica, já o incêndio sim. Ele ocorreu no ano de 1911, no dia 25 (ou 29 de março), no contexto de uma greve, em uma fábrica de tecidos em Nova Iorque e resultou na morte de 146 trabalhadores/as (125 mulheres e 21 homens), a maioria de origem judia. Mas, a fixação, na Europa e América do Norte, de um dia específico para comemorar (lembrar junto) as lutas das mulheres por condições de vida e trabalho dignas, além de refletir sobre a persistência das desigualdades de gênero e reivindicar a ampliação de direitos políticos e civis, envolveu diversos outros fatos e personagens do século passado.

Em 1908, nos EUA, mulheres socialistas organizaram o Dia da Mulher, que consistiu em uma manifestação para reivindicar o voto feminino e melhores condições de trabalho. No ano seguinte, o evento que ainda não tinha um dia específico, reuniu cerca de duas mil pessoas. Entre novembro de 1909 e fevereiro 1910, ocorreu uma grande greve liderada por costureiras de Nova Iorque.

Meses depois, durante o II Congresso Internacional das Mulheres Socialistas, em Copenhague, a ativista alemã Clara Zetkin propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher, mas não se estabeleceu uma data precisa. Em 1911, ocorreu o fatídico incêndio na fábrica de tecidos em Nova Iorque. Cerca de 100 mil pessoas acompanharam o funeral pelas ruas de Manhattan. A resposta coletiva e organizada dos/as trabalhadores/as ajudou na aceitação dos sindicatos da área têxtil e na conquista de alguns direitos. No local onde se erigiu a fábrica, hoje está a Universidade de Nova Iorque.

Desde o início do século passado, trabalhadoras organizadas e líderes políticas russas já realizavam alguma comemoração em torno do dia da mulher, porém sem data fixa. No ano de 1913, Alexandra Kollontai, publica o texto O dia da Mulher, em que destacava, entre outras coisas, que a mulher trabalhadora havia sido, ao longo dos séculos, “espancada, intimidada, encurralada” e que por isso precisaria de uma “aproximação especial, com palavras que ela, como mulher, entenda”; que a mulher sofria diversas opressões, “como trabalhadora, mas também como mãe, mulher”. Portanto, era imperioso que os membros do Partido Socialista Operário compreendessem que deveriam defender as “trabalhadoras como assalariadas, como mãe [e] como mulheres”. Em 8 de março de 1917, eclodiu uma grande passeata, seguida de greve das trabalhadoras do setor de tecelagem, com a finalidade de denunciar a carestia, o desemprego e precárias condições de vida. Acredita-se que o evento foi o estopim da Revolução Russa, já que operários metalúrgicos aderiram ao movimento das mulheres, e a partir daquele momento o movimento revolucionário não teve mais volta. Com isso, em todo o bloco soviético, o Dia da Mulher passou a ser comemorado no dia 8 de Março, inclusive com feriado.

Nas décadas seguintes o 8 de Março se tornaria cada vez mais conhecido, especialmente no campo dos movimentos de esquerda. É provável que a Organização das Nações Unidas – ONU tenha ajudado a difundir a data para outros países, pois em 1975, Ano Internacional da Mulher, a organização determinou que o 8 de Março passaria a ser o Dia Internacional da Mulher.

Como podemos constatar, a força do 8 de Março está nas lutas pregressas de mulheres da classe trabalhadora que lutaram, apoiadas por intelectuais e ativistas socialistas, por melhores condições de vida e trabalho na Europa e América do Norte. Com a expansão do projeto societário euro-americano, a data se internacionalizou, tornando-se significativa em outros espaços sociais. Atualmente, ela é comemorada em mais de 100 países, mas, entretanto, vem perdendo, anos após anos, o seu sentido inicial: um dia para refletir e reivindicar o fim das desigualdades no âmbito do trabalho e pelos direitos civis e políticos. Talvez seja a hora de resgataremos as histórias dessas primeiras grevistas do século XX, bem como de tantas outras mulheres, de diversas culturas e identidades étnico-raciais, que experimentaram e enfrentaram as opressões marcadas pela diferença do gênero nos mundos do trabalho.

Para saber mais

BLAY, Eva. 8 de março: conquistas e controvérsias. Revista Estudos Feministas 9(2), Florianópolis, 2001. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/381/38109216.pdf>

GIANNOTTI, Vito. 8 de março: a origem do mito da greve de Nova Iorque, em 1857, Confederação Nacional dos Metalúrgicos, 04/03/2009 Disponível em <https://www.cnmcut.org.br/conteudo/8-de-marco-a-origem-do-mito-da-greve-de-nova-iorque-em-1857>

KOLLONTAI, Alexandra. O Dia da Mulher, disponível em <https://www.sapili.org/livros/gl/ma000017.pdf>.



A Prefeitura de São Francisco do Conde está intensificando as ações de promoção à saúde da mulher no mês de março.

Por meio da Secretaria da Saúde – SESAU, a Clínica de Referência à Saúde da Mulher – CRESAM, estará realizando exames Preventivos Ginecológicos.

Os agendamentos acontecem por meio das Unidades de Saúde da Família.

Todo o atendimento às mulheres segue os protocolos do Ministério da Saúde, tendo em vista a pandemia da COVID-19.

FONTE: Instituto Nacional do Câncer

EXAME PREVENTIVO DO COLO DO ÚTERO (PAPANICOLAU)

É a principal estratégia para detectar lesões precocemente e fazer o diagnóstico da doença bem no início, antes que a mulher tenha sintomas. Pode ser chamado de esfregaço cervicovaginal e colpocitologia oncológica cervical. O nome "Papanicolaou" é uma homenagem a Georges Papanicolaou, que criou o método.

É simples e rápido e causa no máximo um pequeno desconforto.

Para garantir um resultado correto, nos dois dias antes do exame a mulher não deve ter relações sexuais (mesmo com camisinha), e evitar uso de duchas, medicamentos vaginais e anticoncepcionais locais. É importante também não estar menstruada, pois a presença de sangue pode alterar o resultado.

Mulheres grávidas podem fazer o exame, sem risco para sua saúde ou a do bebê.

FONTE: Instituto Nacional do Câncer

COMO É FEITO O EXAME?

- Para a coleta do material, é introduzido um instrumento chamado espéculo na vagina (conhecido popularmente como "bico de pato", devido ao seu formato);
- O médico faz a inspeção visual do interior da vagina e do colo do útero;
- A seguir, o profissional provoca uma pequena escamação da superfície externa e interna do colo do útero com uma espátula de madeira e uma escovinha;
- As células colhidas são colocadas numa lâmina para análise em laboratório especializado em citopatologia.

FONTE: Instituto Nacional do Câncer

O QUE FAZER APÓS O EXAME?

A mulher deve retornar ao local onde foi realizado o exame (ambulatório, posto ou centro de saúde) na data marcada para saber o resultado e receber instruções. Tão importante quanto realizar o exame é buscar o resultado e apresentá-lo ao médico.

FONTE: Instituto Nacional do Câncer

SE O SEU EXAME ACUSOU:

- Negativo para câncer: se for o primeiro resultado negativo, você deve fazer novo exame após um ano. Se você já teve resultado negativo no ano anterior, o próximo deve ser em três anos;
- Infecção pelo HPV ou lesão de baixo grau: você deverá repetir o exame daqui a seis meses;
- Lesão de alto grau : o médico decidirá a melhor, e indicará outros exames, como a colposcopia.
- Amostra insatisfatória: se quantidade de material não deu para fazer o exame, refaça o exame logo que possível.

FONTE: Instituto Nacional do Câncer

Além de detectar lesões precursoras do câncer do colo do útero e da infecção pelo HPV, o Papanicolaou indica outras infecções que precisam ser tratadas. Siga corretamente o tratamento indicado pelo médico. Muitas vezes é preciso que o seu parceiro também receba tratamento. Nesses casos, é bom que ele vá ao serviço de saúde receber as orientações.

CAMPUS DOS MALÊS UNILAB

UNILAB
Universidade do Integrated, Interdisciplinar da Lusitânia - Pro-Bi-estora

FONTE: Instituto Nacional do Câncer



PRIVATIZAÇÃO: POR QUE É RUIM?

Bruna Vasques de Souza Pereira
Pedagoga, cientista social e professora de
Educação Integral da Rede municipal de
Araraquara/SP



O que professores e estudantes querem dizer quando gritam em protestos que “Educação não é mercadoria?”. Que alguns bens e serviços não devem ser comprados e vendidos como outra mercadoria qualquer.

Pessoas que compartilham da ideia do “Estado Mínimo” – ou seja, de que o estado deve ter a mínima interferência em assuntos como economia, por exemplo – acreditam em coisas que simplesmente não são verdade. A primeira é de que educação, saúde, saneamento básico, energia, serviços de telecomunicação etc. são gastos e não investimentos. Acontece que em uma sociedade as coisas funcionam de maneira interligada e, por essa razão, quando se oferece tais serviços de maneira igualitária o que se tem é um grande retorno. Econômico, inclusive. Como se pode imaginar que uma população saudável e educada não seja um investimento social? E, afinal de contas, não é um papel do estado, cuidar de sua população? Se esta incumbência for retirada do estado, o que lhe sobra como responsabilidade? É preciso dizer que estamos presenciando, dia após dia, um estado – que não é mínimo, personificado na figura do presidente – “lavando as mãos” frente à mais grave crise brasileira.

Aí vocês poderiam argumentar: “Mas essa não é a prova de que o estado não presta para gerir assuntos públicos?”. Bom, não. O que ocorre na nossa sociedade é que, infelizmente, não temos políticas de estado, mas de governo. Isso quer dizer que qualquer outro governo, que não o de Jair Bolsonaro, iria se colocar frente a esta crise de maneira diferente. É que não existe um consenso sobre qual é o papel fundamental do estado. O que nos coloca em uma situação de “Depende do governo”. Se for progressista será de um jeito, se for entreguista será de outro, se for fascista e militarista, como o nosso governo atual, acontece o que estamos presenciando: um profundo descaso, uma incompetência deliberada, uma vergonha e uma preocupação que não se restringe a nós, brasileiros, mas ao resto do mundo.

Ainda existe outro argumento das pessoas que acreditam na capacidade do capital de fornecer melhores bens e serviços: a crença de que a concorrência os garantirá. Ora, parece plausível que quem propaga tais ideias justamente são aqueles que seriam beneficiados por elas, ou seja, uma minoria de pessoas privilegiadas. A ideia é a seguinte: de que as corporações ou empresas devem oferecer os melhores bens e serviços possíveis por conta de concorrência. Vamos ver alguns exemplos então: a educação. Pode até ser que algumas escolas particulares ofereçam uma melhor educação do que o ensino público. Eu não acredito nisso, mas vamos tomar como se fosse verdade a título de ilustração. Qual é o custo de uma educação privada? Sabemos que algumas escolas e universidades particulares têm mensalidades acima dos 4 dígitos em um país em que o salário mínimo atingiu quatro dígitos praticamente ontem. Mas não é apenas essa questão: a educação é fundamental na construção de uma nação e, por isso, deve permanecer pública e gratuita. Mas, ok, a educação está longe de ser privatizada. Vamos continuar pensando juntos.

Saúde, então. Os Estados Unidos são um país que não tem um sistema de saúde público como nós o temos. Pessoas comuns, como nós, que têm problemas crônicos de saúde se endividam em termos de centenas de milhares de dólares. E nós vimos que a saúde privada estadunidense não foi capaz de fazer frente à pandemia de COVID-19. “Mas o Brasil também não!”, você pode dizer. Isso é verdade. Aí eu digo um tanto ironicamente e já peço desculpas por isso: pelo menos ninguém foi pego de surpresa em esquemas de má-fé nos serviços de saúde como aconteceu lá de o paciente esperar um boleto no valor de 175 dólares por um teste de Covid e acabar recebendo um no valor de 2.479.

Houve um tempo, no Brasil, em que telefonia era coisa pública. O que temos hoje: bons serviços? É até possível. Preços acessíveis? De maneira alguma.

E daí temos uma realidade em que um grande contingente de pessoas não consegue arcar com o valor de uma banda larga, por exemplo. Poderia se argumentar: “Ah, mas só as grandes corporações que tem calibre para fomentar o desenvolvimento de tecnologias como fibra ótica”. A verdade é que nós não sabemos, porque o estado se isentou disso há muitos anos. Não sabemos como seriam as telecomunicações nas mãos do estado, porque muito antes do advento da internet ele abriu mão de cuidar do assunto.

Outra coisa a que temos que nos atentar quando se fala em privatização é a ação nefasta da corporação. É muita ingenuidade, ou simplesmente má fé, acreditar que as corporações ofereceriam os melhores serviços para abocanhar nichos de mercado que devem permanecer nas mãos do estado. Porque as corporações podem se valer de fraudes e corrupção. Pode surgir o argumento: “Mas o governo também é corrupto! ”. Bom, entregar bens que devem ser públicos nas mãos do mercado não vai resolver a questão da corrupção do governo. Este é um problema estrutural que deve ser combatido de outras formas. E aí preciso dizer que é preciso escolher muito bem em quem se vota. Esse já é um enorme passo, haja vista o que estamos vendo: “rachadinha” do filho do presidente”, cheque de quase 100mil reais em nome da esposa do famigerado. Isso o que nós sabemos.

Privatizar os Correios? Não!

É uma estratégia fazer as pessoas concordarem que um serviço público é ruim para entregá-lo a uma corporação. Os Correios brasileiros são dos melhores do mundo. “Ah, mas é demorado! ”. Aí se teria que pensar a nossa cultura de querer tudo para ontem e não privatizar a coisa toda. Além do que, a ideia não é nem que se acabe com empresas privadas, mas que este serviço permaneça público “convivendo” com transportadoras privadas. Que possamos optar, coisa que não existe em telefonia e internet para voltar um pouco no assunto. Vamos pensar então: as empresas diferem tanto entre si em termos de serviço, de tarifa? Não. O capitalismo é isso: prateleiras e prateleiras com mais do mesmo, um simulacro de variedade.

Ademais, é preciso pensar em termos de trabalho: há dois cenários para os trabalhadores dos Correios em caso de privatização: demissão em massa de funcionários com estabilidade trabalhista ou a contratação dos mesmos funcionários em termos muito mais precarizados, haja vista a contínua retirada de direitos dos trabalhadores neste país. E, claro, o serviço se tornará mais caro.

Pense um pouco: quem sai ganhando com privatização?



Quarentene-se

Larissa Rehem Gama

Como quarentenar se os nossos governantes querem nos matar

“- Fechem os comércios não essenciais!”

Mas todo comércio não é essencial para quem vive dele?

Eles estão mandando quarentenar!

Mas eles estão embaixo do ar

Esse ar que falta em meu lar, no seu lar, no nosso lar

Nossos governantes querem nos matar

Você já tentou ir ao mercado e comprar

Arroz, feijão, carne e bujão faltam em nosso lar

Nossas crianças não podem estudar

Por falta de celular e equipamentos, que eles não têm cá

A rede de internet nem chega lá para começar

E como eu vou conseguir ensinar

Se nem tive a oportunidade de aprender o BEABAR

Como a responsabilidade não vai me matar

Se sou a provedora do meu lar

E trabalho não se tem por cá

Eu só queria trabalhar

Para levar comida para o meu lar

Mas em meu lar custa estar

Massacrada, pois estou de mãos atadas

Sem conseguir sequer pagar as contas que chegam cá

E, na tentativa de distração, ligo a TV procurando diversão

E vejo no noticiário, o covid-19 acaba de matar

Mais um, mais três, mais 277.102 mil de mortes no Brasil

Mas imagina só, que logo ali no Palácio do Planalto

Está um genocida sentado na cadeira da presidencial!

Cometendo imprudências, sendo exaltado por sua incompetência

A burguesia tem sua presença dentre as grandes concorrências

Exportação barata, o real está em baixa

Paro novamente e lhe digo mais uma vez

Nossos governantes querem nos matar

Exterminando a massa pobre que aqui está

A vacina aqui não vai chegar

Porque antes disso, escute

Nossos governantes vão nos matar!



Uma história de resistência

por Débora Teles

Essa história começa com um telefonema, numa tarde bem comum em Bissau. Milanca havia terminado o Ensino Médio (Liceu) e, apesar do desejo de ingressar numa Universidade, se aquietou, não podia pagar pelo ensino superior. O seu desejo incessante por conhecimento a levou a matricular-se num curso de inglês. Mas não durou... as aulas não lhe apresentavam nada de novo. Foi cansativo. Milanca desistiu! Foi então que, numa tarde, dessas bem normais e corriqueiras, quando não se tem nada para fazer, Milanca recebeu um telefonema. Sua sogra trazia boas novas de uma Universidade pública, oportunidade única que a jovem precisava abraçar. Nossa querida amiga titubeou, duvidou de si, pensou duas vezes.

A insistência e encorajamento de sua sogra guiaram nossa jovem até o "sim" e ela decidiu fazer a inscrição. Não que acreditasse que conseguiria, mas eis que a UNILAB lhe abria as portas! Ela entrou e aguardou ansiosamente pelo seu desfecho. Faltando poucos dias para a divulgação do resultado. Decidiu comprar pacotes de dados para o celular, visto que não tinha internet em casa, para poder checar o site da Universidade todos os dias, a fim de ficar a par de qualquer notícia a respeito da seleção. Aquela inscrição despreziosa, quase descrente, já era a esperança de um sonho.

Milanca se levantou bem cedo, antes dos primeiros raios de sol, era o dia do resultado, seu primeiro ímpeto foi procurar pelo seu nome na lista de selecionados, sua busca foi precedida de gritos animados que anunciavam - "Eu consegui! Eu consegui!" Sua tia, com quem morava na época, veio ao seu encontro para entender o que ela havia conseguido, mas a emoção era tamanha que não encontrava as palavras para explicar o que estava acontecendo. Passado o tempo de explosão das emoções

eufóricas e incontroláveis, Milanca compartilhou a notícia com a tia e esperou amanhecer para comunicar ao restante da família sua conquista, todos se alegraram com ela.

Tendo superado a etapa da inscrição, Milanca precisava conseguir o visto para embarcar para o Brasil e iniciar sua jornada na Universidade, já nessa parte do caminho a jovem precisou manter-se firme diante das dificuldades. Enquanto aguardava o visto, ela adoeceu, e quando recebeu a notícia que ele já estava pronto, mais um obstáculo se pôs diante dela. Para receber o visto e o passaporte precisaria apresentar a passagem aérea. Milanca não fazia ideia de como conseguir o dinheiro para a passagem. Mas uma tranquilidade inexplicável tomou conta dela, uma confiança... em "quê" ou em "quem" não se sabe, mas ela teve paz.

Seus pais buscaram ajuda, fizeram ligações para parentes à procura de uma saída. A igreja de que ela fazia parte se movimentou e contribuiu para que Milanca comprasse algumas coisas para a viagem, mas ainda não tinha o suficiente para pagar a passagem. Então, no meio dessa paz nascida da incerteza e dos esforços de amigos e familiares, eis que surge a esperança de conseguir a passagem na forma de um tio lá da Inglaterra. A nossa querida jovem não acreditou muito, mas passado alguns dias o tal tio lhe entregou a derradeira passagem. Tudo estava resolvido!

Devido a espera pela passagem, nossa querida caloura viajou sozinha, todos os seus colegas já haviam embarcado dias antes, mas isso não a amedrontou nem intimidou, seguiu firme. Ao chegar no Brasil foi recebida por seu tutor. A notícia de que receberia auxílio financeiro através do Programa de Assistência ao Estudante (PAES) a deixou tranquila, já que o auxílio lhe permitiria suprir suas necessidades básicas.

Venha fazer parte de nossa
equipe!

jornaloponto@unilab.edu.br

O Jornal "O Ponto" é um projeto de extensão e todxs xs estudantes que dele participam são voluntarixs que buscam aprimorar sua escrita e fazer a diferença na Universidade!



Milanca Cabral de Brito

Acadêmica da 8ª fase
LETRAS - UNILAB/BA

Milanca não alimentava muitas expectativas quanto a sua estadia no Brasil, o que evitou decepções. Os seus primeiros sofrimentos nesse país aconteceram por causa do fuso horário que lhe deixou confusa e com dor de cabeça. Além disso, nosso amado coentro perturbou seriamente o apetite da jovem, de modo que não podia fazer refeições no Restaurante Universitário (RU) e, por isso, desistiu de frequentá-lo. Passou a fazer suas refeições na pousada onde estava hospedada, pela manhã desfrutava do desjejum que era por conta da pousada, e nas refeições seguintes comprava comida e comia em seu quarto.

Para além disso, enfrentou dificuldades no acesso a internet que quase nunca funcionava em seu tablet, único aparelho de que dispunha para seus estudos. Passado certo tempo, Milanca começou a ter um mal-estar constante. Uma colega suspeitou de gravidez, mas comunicou sua suspeita a uma outra colega, enquanto nossa querida amiga continuava desavisada. Em certa ocasião ela ouviu que um amigo havia sonhado que uma de suas colegas estava grávida e imediatamente se identificou. Milanca fez o teste de farmácia e confirmou sua gravidez.

Passado o espanto inicial, dividiu a notícia com seu namorado que ainda morava em Bissau, e recebeu seu apoio. Sua família não recebeu bem a notícia da gravidez, mas só no início. Sua mãe se zangou e afastou-se por um tempo, mas seu namorado tratou de conversar com a família de Milanca e, com tempo, tudo se resolveu. Sua tia, a mulher que a criou, lhe deu todo apoio. Ela e sua mãe foram imprescindíveis durante a gravidez da jovem. Ter o apoio de sua tia, mãe e namorado foi fundamental para se manter firme frente ao desafio que se colocava diante dela.

Na sua jornada de mãe e estudante universitária, Milanca recebeu apoio do Coletivo de Mulheres africanas (CMA), da UNILAB-Malês, e foi calorosamente acolhida por uma colega que havia passado pela mesma situação. Essa amiga a ajudou com assistência médica e com certos cuidados quando a criança nasceu. Outros colegas também ajudaram, apoiando como podia. Ela também conseguiu licença maternidade com a Universidade, e contou com a compreensão de alguns professores.

No início, Milanca enfrentou dificuldades para se adaptar à nova vida de mãe universitária. Muitas vezes não dormia direito para conseguir dar conta das atividades domésticas e acadêmicas, bem como os cuidados com seu filho. Não obstante, nos primeiros cinco meses, resistiu, se manteve firme e enfrentou seus gigantes um por um. Por vezes os enfrentou sentindo sono, cansaço, mas se manteve perseverante na sua jornada. Passado esse tempo, seu namorado pôde vir para o Brasil por ocasião de uma formatura, de modo que as coisas ficaram um pouco mais fáceis. Agora, Milanca pode contar com a ajuda e apoio do pai de seu filho em tempo integral.

Ademais, a pandemia da COVID-19 tem afetado a todos, inclusive nossa querida amiga que, assim como todos nós, tem enfrentado as dificuldades de viver num mundo assolado por um vírus mortal, somando a isso as dificuldades de lidar com o ensino remoto, o qual, por vezes, pode ser muito cansativo.

As dificuldades iniciais foram superadas, hoje Milanca avança contra os desafios que se levantam para se manter bem psicologicamente, manter os cuidados com seu filho pequeno, se equilibrar com as responsabilidades do último semestre na Universidade, apesar das complicações com o acesso a internet, e as frustrações advindas do cenário em que estamos vivendo.

Como todos nós, Milanca precisa ir contra a autocrítica, momentos de desesperança e questionamentos, não obstante, ela avança. Ela atribui sua força para superar os momentos difíceis ao apoio da família e amigos. Para Milanca, é essencial ter alguém do seu lado que acredite em você. A UNILAB abriu seus olhos para as transformações que poderia promover através da educação. Esse foi um catalizador importante para sua jornada, pois a ajudou a não desistir em momentos de dúvidas.

Depois de terminar o curso universitário, Milanca planeja tirar tempo para cuidar de si mesma, mas sem deixar de sonhar e planejar coisas extraordinárias para o seu futuro. Seu desejo para os que permanecem na jornada acadêmica é de acolhimento, escuta, cuidado e de um olhar mais atento as necessidades emocionais e psicológicas suscitadas pelo ambiente acadêmico. Assim, ela segue seu caminho com firmeza e não se dobra diante das dificuldades... antes, persevera.

Milanca Resiste!



08/03 - Dia Internacional da Mulher
21/03 - Dia Mundial da Terra, Dia Internacional da Síndrome de Down, Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, Dia Universal do Teatro
22/03 - Dia Mundial da Água
25/03 - Dia da Constituição
27/03 - Dia da Mulher caboverdiana.
28/03 - Dia do Diagramador, Dia do Revisor
31/03 - Dia da deflagração do Golpe Militar de 1964
02/04 - Dia Mundial da Conscientização do Autismo, Dia Internacional do Livro Infantil
07/04 - Dia do Jornalista, Dia Mundial da Saúde
08/04 - Dia Nacional do Sistema Braille, Dia Mundial de Combate ao Câncer
09/04 - Dia Nacional da Biblioteca
13/04 - Dia do Beijo
18/04 - Dia do Amigo, Dia Nacional do Livro Infantil
23/04 - Dia Nacional de Educação de Surdos, Dia Mundial do Livro, Dia de S. Jorge, Dia de Ogum (umbanda)
24/04 - Dia Nacional da Língua Brasileira de Sinais
28/04 - Dia da Educação